

AUGUSTO COMTE E O BRASIL

Margaret M. Bakos¹

Ordem e progresso foram as últimas palavras registradas no testamento do filósofo francês Augusto Comte (1798-1857) ao amigo Pierre Laffite (1823-1903), essa convocação está expressa na bandeira do Brasil, há mais de um século. A frase foi até mesmo parar em música do nosso cancionário, o samba *Positivismo*, como bem assinala o historiador José Murillo de Carvalho. A letra versa, é claro, sobre dor de cotovelo:

“O amor vem por princípio/ E a ordem por base/ O progresso é o fim/ Contrariando esta lei de Augusto Comte,/ Tu fostes ser feliz longe de mim!”

Primogênito dos três filhos de Luis Comte (1776-1859), um funcionário público monarquista e de Felicidade Rosália Boyer (1764-1837), matriarca de um lar católico e conservador, Isidore Auguste Marie François Xavier, nasceu na cidade de Montpellier, destacando-se pela proposição de uma nova área de conhecimento para cuja denominação inventou uma palavra híbrida: *sociologia*, formada pela mistura do latim (sócio) e do grego (logia). Comte empregou o termo para se referir a uma nova ciência que, como sua frase eternizada na bandeira brasileira, está presente até hoje no mundo ocidental.

O novo saber – sociológico – prestou-se a vários fins neste país. Contando com a imaginação de Comte, a teoria, de certa forma, resume as idéias de cientificismo e/ou positivismo que marcaram o século XIX. Em síntese, ela traduz a onda de idéias evolucionistas e socialistas que varriam a Europa, na modernidade, contrapondo-se fortemente ao abstracionismo e à religiosidade.

1 Professora adjunta da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; doutora em História (USP); pós-doutora (University College London); Pesquisadora do CNPq, Membro Efetivo do IHGRS

Com a sociologia, Comte buscou uma melhor compreensão da sociedade em que vivia. Intentava conferir à filosofia o estatuto de uma ciência exata, pela adoção de metodologia de cunho lógico-matemático e de técnicas de observação e de registro sistemáticos. Propunha-se como objeto de estudo as pessoas, seus papéis e relações políticas, econômicas e sociais em seu contexto cotidiano e ao longo da história.

No início de julho de 1830, foi publicado o primeiro volume do *Curso de filosofia positiva* e, até 1842, saíam outros cinco. Mas foi o volume inicial que tornou públicas as maiores contribuições de Comte: a lei dos três estados, e a identificação de suas idéias com o espírito de sua época – **o positivismo**.

Segundo Comte, todos os fenômenos, as ciências e a própria história desenvolvem-se em três fases: a teológica, a metafísica e a positiva. O **estado teológico** seria o ponto de partida da inteligência humana, correspondendo, em sua fase material, ao período militar da antiguidade. O **metafísico** está ligado à fase material legalista do período medieval. Na *fase intelectual positiva*, o homem, liberto do misticismo passaria a estudar os fenômenos ambientais à luz do método positivo, correspondendo essa fase à etapa material industrial da modernidade.

É preciso ter presente que tais idéias foram concebidas por um cidadão perplexo frente ao período de anarquia pela qual passava seu país, após a Revolução Francesa, e abalado por questões pessoais. Em 1827, Comte foi salvo das águas do rio Sena algum tempo após sua mulher, Camille Massin, havê-lo impedido de por fogo no quarto do hotel onde vivia, ao norte de Paris e de ela haver se recusado a pular com ele em um lago, porque ambos não sabiam nadar.

Comte trocou, entre 1841 e 1846, cartas com o filósofo britânico John Stuart Mill (1806-1873). Famoso por sua teoria sobre a felicidade, Mill se prestou a ouvir as angústias e queixas do francês. Dentre elas, a mais forte era o desejo de Comte de fazer uma mistura entre o

‘espírito francês’ e o inglês, pois sofria com a falta de apoio dos italianos e alemães. Essa confraria, não obstante, foi inviável. A outra queixa, advinda de seu amor impossível por uma mulher, Clotilde de Vaux (1815-1846), devido ao fato de ambos serem casados. De forte caráter, a amada, escreveu-lhe uma carta terna, mas firme, em julho de 1845, dizendo: ***serei sua amiga sempre, se você desejar, mas jamais serei mais que isso.*** Finalmente, a terceira queixa dizia respeito ao seu pesar pelo seu casamento, em 1825, com uma prostituta – Caroline Massin (1802-1877) – que durou 17 anos. Sobre essa união, Comte afirmou ser essa sua única falta irreparável na vida. Caroline, segundo palavras de Comte queria transformá-lo em máquina acadêmica para ganhar mais dinheiro, títulos e honrarias, e nunca o deixou em paz.

Quando Augusto Comte inventou uma nova religião, tendo por deus supremo a humanidade, cujo nome ele exigia que fosse escrito em letra maiúscula e à imagem de uma mulher jovem, com o rosto de Clotilde de Vaux e uma criança no colo, Caroline Massin lhe escreveu, furiosa: é uma publicidade incompreensível, forte demais. Você foi muito cruel para comigo!

Sem dúvida, o encontro com Clotilde de Vaux, em 1844, fez Comte passar, como ele próprio confessava, por um processo de *regeneração moral*. Dois anos após a morte da amada, Comte escreveu o *Catecismo positivista* (1852), que transformou sua filosofia da história em uma religião da humanidade com direito a doutrina, cultos, e ritos. Nessa fase, segundo José Murilo:

A razão passou para segundo plano, abaixo do sentimento. Em conseqüência, dividiu-se o campo positivista por vários de seus antigos seguidores se recusarem a aceitar a nova orientação. Littré, na França, foi um deles, Stuart Mill, na Inglaterra, outro. Quando o positivismo chegou ao Brasil, diz o historiador, ele já veio dividido. (CARVALHO, J. M., 1990P.32)

Em 1844, Comte já era citado em centros de excelência de ensino no Brasil: na Bahia, e, na década seguinte, no Maranhão. No Rio

O traçado de três ruas do centro da capital gaúcha é testemunha de um caso curioso de continuísmo político: nos 40 anos entre 1897 e 1937, apenas três homens governaram Porto Alegre. No mesmo período, o Rio de Janeiro teve 27 intendentess; Belo Horizonte, 21; Recife 18; e São Paulo, 15. Como na história, a rua com o nome de José Montauray – o eterno intendente, porque governou durante 27 anos a cidade de Porto Alegre –, que desemboca no início da Avenida Otávio Rocha, continua na Avenida Alberto Bins, nome de seu sucessor em 1924, o último prefeito, apeado do poder por Getúlio Vargas, através do golpe do Estado Novo (1937-1945).

Em 1937, Vargas, chefe do Governo desde a revolução de 30, rompeu com o PRR, partido em que iniciou sua vida política. Com essa ruptura, ele pôs fim ao continuísmo, legitimado pela 1ª Constituição Republicana de 1891, escrita por Júlio de Castilhos. Nela, governar era uma questão de competência, pois o poder adviria do saber, sendo uma estratégia política dotar o administrador do bem público de condições para conhecer para prover. O voto não obrigatório e aberto, à cabresto, no caso dos funcionários públicos, ao contrário do secreto, honrava o princípio comtista de viver às claras.

Assim como Comte, Castilhos entendia que o estado se apresentava sob duas instâncias: a estática e a dinâmica social. A estática referia-se às condições constantes da sociedade, e a dinâmica, às leis do seu progressivo desenvolvimento. Entretanto, se, para Comte, a dinâmica social subordinava a estática, pois o progresso provinha da ordem e do aperfeiçoamento dos elementos permanentes de qualquer sociedade – religião, família, propriedade, linguagem, acordo entre poder espiritual e temporal –, para Júlio de Castilhos parecia oportuna a intervenção do estado com vistas à aceleração do processo de moralização e ao progresso da sociedade.

E, nesse processo, ao contrário do que dizia Comte, Castilhos acreditava que, se necessário, caberiam conflitos abertos. Isso significou duas guerras civis de trágica memória no Rio Grande do Sul: a fe-

deralista, em 1893, para tirar Júlio de Castilhos do Governo do Estado e a de 1923, com vista a evitar a quinta reeleição de Borges de Medeiros, seu herdeiro político, para o mesmo cargo. Essa força, segundo palavras do historiador gaúcho, Sérgio da Costa Franco, se deve a que:

As concepções políticas do positivismo, que na França, onde surgiram tinham conteúdo nitidamente reacionário, no Brasil, como em outros países subdesenvolvidos, não deixaram de atuar num sentido progressista. É mister compreender que, na Europa, onde o socialismo avançava, falar-se do governo de um ditador republicano, fiscalizado por uma câmara de industriais, era algo inaceitável para as grandes massas do proletariado e da pequena burguesia, que procuravam fazer-se ouvir nos parlamentos e influenciar na composição dos governos. (FRANCO, S. C. Júlio de Castilhos e sua época, 1967:p. 28).

O Brasil foi o país em que o positivismo religioso gozou da maior influência, seguindo de forma mais fiel as idéias do filósofo P Laffite, chamado por Comte de *seu primeiro discípulo* e a quem nomeou *Sacerdote da humanidade*. Isso pode ser comprovado pelo Cisma Positivista, em 1883.

Nessa ocasião, Miguel de Lemos, chefe da religião da humanidade no Brasil (1854-1917), buscou em Laffite, pontífice do comtismo em Paris, apoio para punir um membro do apostolado brasileiro que, contrariando as normas da sociedade, tornou-se político e escravocrata. Para sua surpresa, Lemos foi aconselhado a não expulsar o fazendeiro, mas, sim, a reavaliar a situação e a distinguir *nos escritos do fundador*, de um lado, os princípios da doutrina e as normas da moral positivista, sagrados e imutáveis, e, de outro, os conselhos, cuja aplicação poderia variar segundo o tempo e o lugar.

Miguel de Lemos julgou herética a resposta de Laffite, ao propor o livre exame na doutrina do Mestre Augusto Comte, na busca de conciliar teoria e prática. Com o apoio do líder positivista chileno Jorge Lagarrigue (1854-1894), rompeu com Laffite, reivindicando autono-

mia para a Igreja Positivista Brasileira. Augusto Comte foi declarado, então, o único chefe subjetivo do grupo, e o Rio de Janeiro passou a ser matriz ecumênica do positivismo integral.

Os castilhistas, embora não ortodoxos, apoiaram os religiosos, porque, segundo palavras de Júlio de Castilhos, em sua campanha, divulgadas amplamente, em 1884, para a transformação do Brasil, de monarquia em república, seria preciso fazer a abolição da escravatura, incluindo a nação no grupo dos países modernos.

Segundo o filósofo Roque Spencer Maciel de Barros:

Em uma palavra, a filosofia de Comte misturava todos os ingredientes necessários a uma visão universalista do homem e da sua história, servindo admiravelmente aos propósitos dos nossos bacharéis 'progressistas', ilustrados, cientificistas, compreender e interpretar a história brasileira passada e presente, ao mesmo tempo em que lhes abria a perspectiva "correta" do nosso futuro. (BARROS, Roque Spencer Maciel de.1967. p.15)

O lema na bandeira do Brasil diz tudo.

Bibliografia

CARVALHO, J. M. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

BAKOS, Margaret Marchiori RS:Escravismo e Abolição.Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982.

BARROS, Roque Spencer Maciel de.A evolução do pensamento de Peireira Barreto, São Paulo, Grijalbo,1967

BOEIRA, NELSON. O Rio Grande de Augusto Comte. IN: FREITAS , D, et al. (org). *Rs: Cultura & Ideologia*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980.

FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre. Guia Histórico, Porto Alegre, Ed.da Universidade,1992.

FRANCO, Sergio Costa Júlio de Castilhos e sua época. Porto Alegre, Ed. da Universidade, 1967.

GENTIL, P. *Auguste Comte / Caroline Massin. Correspondance Inédite.* (1831 -1851). Paris, L'Harmattan, 2006

Fonte imagem: <http://maps.google.com.br/maps?hl=pt-BR&tab=wl>